Universidade de São Paulo

Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Educação Ambiental

Bianca Limonge Avancini

**Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais?**

Tomei a liberdade de intitular o meu simples texto questionando uma bela e clássica música de Elis Regina, isso porque logo após a nossa discussão em aula sobre família e depois de tomar consciência de tantas opiniões sobre essa instituição, sejam elas parecidas ou distintas, eu pensei muito nessa música e em como ela poderia me inspirar na confecção desse texto.

Essa música é um exemplo de algo que trago dos meus pais, conhecimento de músicos, filmes ou até mesmo livros antigos, que fizeram o gosto deles e eles fizeram questão de me mostrar. Isso me remete a uma das primeiras frases que Elis canta na música, que diz: “Quero lhe contar como vivi e tudo que aconteceu comigo”; Isso é algo nato nos pais, avós, tios, amigos, quem quer que seja que alguém considere sua família. É um desejo intrínseco dar um “caminho” a pessoa que esta em sua responsabilidade.

Chegando a esse ponto, posso até fazer uma ligação com o texto de Hannah Arendt, pois ela diz que o lugar tradicional da criança é a família. É onde aprendemos que devemos nos sentir seguros do mundo. Mas, sabemos que muitas vezes isso não acontece, por conta de vários motivos: famílias que oprimem e/ou possuem vários episódios de agressão física ou verbal.

Muitas vezes a imagem de autoridade dentro de uma família se torna muito forte e ofusca qualquer possibilidade de liberdade de expressão e de opinião. Mas, o que Arendt trás pra gente é que se observarmos bem, a família possui uma autoridade temporária, pois com o passar dos anos, o nosso crescimento nos da certa autonomia em decidir o que é bom para nós, se é deixar o ninho que nascemos em definitivo ou se isso não é necessário.

Trazendo um pouco a questão da utopia, acredito que a família em si é uma utopia, não no sentido de estereotipar uma família, classificar o que é ou não família a fim de chegar a algo perfeito, mas no sentido de todos alcançarem seus objetivos como família, colocar o amor e o respeito acima de qualquer diferença de geração, pensamento ou gosto.

Tornando a família uma utopia, acredito que entregamos a chance de qualquer um imaginar e desenhar o que a família deva ser para ele. Seja de acordo com suas experiências pessoais ou de acordo com alguma leitura que tal pessoa julgue ser a ideal para ela.

Voltando na questão de eu ter sido inspirada pela música de Elis Regina, acredito que isso se de ao fato de que quem tem a chance de conviver, aprender, ter uma base educacional dentro de uma família, acaba vivenciando várias coisas que Elis trás na música, principalmente na questão de que, muitas vezes, por mais que tentamos fazer coisas diferentes e ter pensamentos totalmente diferentes de nossos familiares, acabamos sendo os mesmos e tomando atitudes parecidas em diversos momentos de nossas vidas quando nos vemos como “adultos”.

Desse meu pensamento eu tiro que todos nós precisamos de momentos solitários, para pensar quem somos de verdade e o que queremos ser na essência. Por isso trago o título do texto como um questionamento. Será que daqui um tempo, depois de vários acontecimentos, varias fases, depois de pensar em várias utopias, sejam elas particulares ou coletivas, nós ainda vamos acreditar que somos os mesmos e vivemos como nossos pais?